NUNES PEREIRA

UM NATURALISTA BRASILEIRO NA AMAZÔNIA

IMPRENSA PÚBLICA
1942
MANAUS — AMAZONAS

BIBLIOTECA PÚBLICA DO AMAZONAS
REGISTRO: 309
DATA: 20.09.2002

Ao ilustre Prof. Agnello Bittencourt,
com as homenagens de

NUNES PEREIRA

Manaus

Manaus 28/1/43

Um Naturalista Brasileiro na Amazônia

1942
IMPRENSA PÚBLICA
Manaus — Amazonas

ÍNDICE

Sob o Signo da Poesia 19
Um Entomologista Menino 25
Um Engenheiro que se faz Botânico 31
O Enamorado das Palmeiras 39
O Enamorado das Orquídeas 47
O Experimentador do Curare 51
O Conceito de um Naturalista sobre a Borracha 57
Índios, Origens, Arte, Pacificação 65
O Museu Botânico do Amazonas 73
Relação dos Trabalhos Científicos de Barbosa Rodrigues 79

UM
NATURALISTA BRASILEIRO
NA
AMAZÔNIA

TRABALHOS DO AUTOR

Publicados :

Os Mura e o uso do Paricá e da Coca (1934)
Panorama da Alimentação Indígena (1936)
Ensáio de Etnologia. Sobre uma peça etnográfica dos Maué (1940)
Bahira e suas experiências (1940)
Ensáio de Etnologia. Sobre uma peça etnográfica dos Maué (1942)

A serem publicados :

Bahira e suas experiências (edição popular)
Bahira e suas experiências (edição com desenhos de Morbach)
História Antiga dos Maué
Os Parintintin
Os Mura
Ensáio de sexologia indígena
Mitos, Lendas e Superstições vegetais da Amazônia
A Casa das Minas
José Verissimo — Naturalista
Gonçalves Dias — Naturalista
História do Guaraná
Paixão, Morte e Glória do Indio

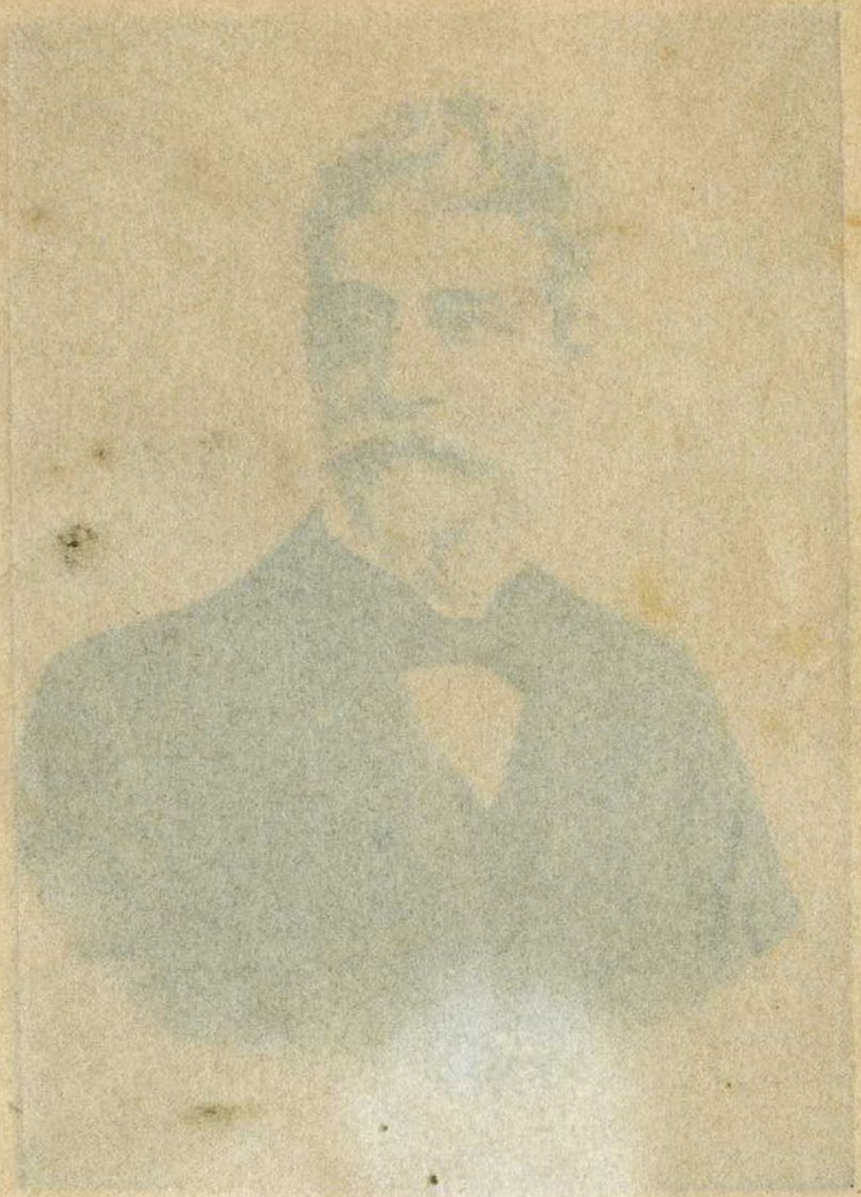
"Sciencias e Letras vivem entre nós ao desabrigo de proteção oficial, quaes orphãzinhas a quem alimentam os obulos da caridade dos humildes; de sorte que scientista ou letrado rara vez escapa de ser synonimo de faminto e ainda assim para significar o martyr das zoiladas de uns e da indiferença de quasi todos."

J. Barbosa Rodrigues

— *O MUYRAKITÃ e OS IDOLOS SYMBOLICOS*

BARBOSA RODRIGUES

NASCIDO A 22 DE JUNHO DE 1842;
FALECIDO A 6 DE MARÇO DE 1909



Ao Ministro da Agricultura
DR. APOLONIO SALES

À Familia Barbosa Rodrigues,
na pessoa da escritora
DILKE BARBOSA RODRIGUES
SALGADO, da Academia Carioca
de Letras

Ao Interventor Federal no Amazonas, Dr. Alvaro Maia, que autorizou a impressão do presente trabalho, foi transmitido, a 10 de Outubro de 1942, o telegrama seguinte : "Queira receber meus agradecimentos e minhas felicitações pelo gesto de V. Excia. autorizando a publicação da conferência acerca de Barbosa Rodrigues, cuja figura, desde o governo Paranaguá, somente agora, no de V. Excia., mereceu homenagem à altura de sua dedicação à ciência brasileira e seu devotamento à grandeza da Amazônia"

a) NUNES PEREIRA

UM
NATURALISTA BRASILEIRO
NA
AMAZÔNIA

O trabalho que hoje dou à estampa foi, em sua origem, uma conferência pronunciada em Manaus, a 22 de junho, do corrente ano, na séde da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, ao comemorar-se o centenário de nascimento do grande Naturalista Brasileiro

DR. JOÃO BARBOSA RODRIGUES.

E' evidente que, com trabalhos dessa natureza, nunca se consegue abranger, na sua estrutura absoluta, na sua opulência científica, na sua aplicabilidade técnico-econômica, uma obra como a do autor do "SERTUM PALMARUM", circunscrevendo-se eles a uma síntese, não raro culta, por vezes incisiva e brilhante mesmo.

Não sei se obtive esses efeitos, no considerar a personalidade de BARBOSA RODRIGUES e no interpretar-lhe a obra de tamanha projeção universal; sei, entretanto, que empenhei nisso toda a força do meu espírito e toda a simpatia do meu coração.

Notas apostas ao fim deste trabalho, alí, como agora, para sua maior compreensão, poderiam dar a algumas das nove partes em que está dividido — tais as que tratam das orquidáceas, das heveas e do Indio — outra densidade, outra amplitude, outra profundeza.

Esses efeitos, porém, para serem apreciados sem fadiga, exigiriam o ambiente de uma Academia de Ciências e o generoso interesse de especialistas neste ou naquele ramo da história natural, da geografia, da medicina, da etnologia e da etno-

grafia, da linguística e da historiografia, tão familiares ao gênio de BARBOSA RODRIGUES.

Além disso, forçoso é considerar-se o fato de não estar o meu nome à altura da incumbência recebida da Academia Amazonense de Letras, a que pertenço, muito embora eu mesmo alí não me sinta tanto à vontade como na selva, nos campos e nas águas da Amazônia, por onde me levam incumbências do Ministério que estou servindo.

Salientei essa circunstância, antes de iniciar a homenagem daquele sodalício, nestes termos :

"Por proposta de Adriano Jorge, seu Presidente muito ilustre, deu-me a ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS a incumbência de apreciar a personalidade de BARBOSA RODRIGUES, cujo centenário de nascimento está hoje sendo festejado em todo o Brasil.

Aceitei, sem escusas, imediatamente, o delicado e desvanecedor encargo, não por vaidade de exibir-me aqui em contorcionismos e estridências de oratória, mas por força da admiração que voto à figura do grande Naturalista Brasileiro e por força do conhecimento da estrutura e da finalidade da obra monumental que o mesmo nos legou.

Demais, partindo a idéia das comemorações desse centenário da Academia Carioca de Letras e do Ministério da Agricultura, onde BARBOSA RODRIGUES foi funcionário, como o sou, presentemente, justo era discorresse eu, de público, acerca de algumas — das inúmeras — lições que recebi de tamanha personalidade.

Não obstante, eu o reconheço, a proposta de Adriano Jorge recairia melhor sobre a figura do Dr. Alfredo da Matta, médico e, tambem, naturalis-

ta, cuja obra, quer no campo da parasitologia, quer no da entomologia, quer no da botânica e quer no da filologia são credenciais superiores às de que disponho.

Cabe-me aqui, portanto, justificando minha anuência ao que me propôs Adriano Jorge, referir o nome do Dr. Alfredo da Matta, mestre e pesquizador, de indiscutivel reputação".

Ocorre, igualmente, outra circunstâcia, além da que aí fica exposta. E' que, aceitando aquela incumbência, tambem, tive em mira dirigir-me, de modo especial aos moços da Amazônia que, necessariamente, se fariam representar naquela homenagem a BARBOSA RODRIGUES, e aos que, possivelmente, só viessem a conhecer o presente trabalho.

A um deles, Geraldo Pinheiro, filho do meu amigo Nonato Pinheiro — jornalista, geógrafo, etnólogo, prematuramente falecido, deixando obra de mérito, porém inédita — já se devia um excelente artigo em homenagem a BARBOSA RODRIGUES, o que testemunha o interesse e a simpatia dessa mocidade pelo grande idealismo de um verdadeiro homem de ciência, e, sobretudo, pelo civismo de um homem de ciência do Brasil, que lhe pretendeu legar o Museu Botânico do Amazonas, isto é, uma Escola capaz de levá-la a estudar, a admirar, a compreender, a amar e a utilizar as chamadas "fontes de vida" da Amazônia.

Que nessas duas circunstâncias, pois, principalmente, e não noutras, muito estimarei seja reconhecido o motivo desta publicação.

NUNES PEREIRA.

SOB O SIGNO DA POESIA

João Barbosa Rodrigues nasceu sob o signo, harmonioso e resplendente, da Poesia, mas sua existência foi semelhante à de certa ave de lenda que os marujos do Ocidente, nas primeiras aventuras pelo Atlântico, acreditavam nascida, entre as nuvens e as ondas, em pleno espaço, para um destino de calmarías e de tormentas.

Dele haveria de ser, consequentemente, aquele dom lírico do canto que a alegria, a dôr, a fé, a dúvida, a revolta sublimaram num Dante, num Francisco de Assís, num Camões, num Goethe, num Byron, num Poe, num Rilker, num Claudel...

No entanto, para a maioria que lhe estuda a personalidade e a obra, foi a ciência, a ciência apenas, dominadora e eterna, tal qual a entendia Nietzsche, que o requestou e dirigiu, pela existência fora, ofertando-lhe, em troca da renuncia daquele dom, uma como "conciência cósmica", feita, segundo Edward Carpenter, de todas as compreensões.

Tenho elementos para negar esse dominio exclusivo da ciência sobre a alma, o cérebro e o coração de Barbosa Rodrigues.

Para mim, a sua "Expressão" não poderia jamais revelar-se numa grande obra poética, mas toda a sua notavel obra científica poderia, como pôde, conter uma extraordinária Poesía, uma imperecivel Beleza, uma Finalidade humana.

Toda a sua vida tem um rítmo e um conteúdo de pura Poesía, ora bárbara, ora lírica, ora terna, ora trepidante. E toda a sua obra tem a sonoridade, a harmonía de um grandioso Poema à Naturêza, ora elevando-se na retilinidade de uma pal-

meira, ora reduzindo-se, numa síntese de côres, de linhas e de perfumes, à imagem, quasi imaterial, de uma orquídea dos trópicos.

Se Barbosa Rodrigues houvesse encontrado uma "Expressão" correspondente, em força e em sentimentos e em fórma ao seu amor — o que equivale a dizer-se à sua compreensão — da Natureza, ele só defrontaria um rival em Goethe: seria, para nós, brasileiros, um gênio da nossa raça, como o outro o foi, tambem, para a sua terra.

Goethe foi um Pequeno naturalista e um Grande Poeta; porém Barbosa Rodrigues foi um Grande Poeta e um grande Naturalista. Aliás, a meu vêr, todo indivíduo tem o seu destino e tem os seus atos e as suas obras dependentes desse signo da Poesía, principalmente se o cercam os aspectos, infinitos e incomparaveis da Natureza que se estende pelas quatro provincias fitogeográficas do nosso País: a região das florestas, a das baixadas e encostas litoraneas, a região dos planaltos e a dos campos. Impossivel será, portanto, que sobre a nossa psicologia, sobre o nosso carater, sobre as nossas instituições, sobre as nossas idéias, sobre as nossas obras, materiais e espirituais, se não reflita essa Natureza, tal uma aglomeração de árvores se reflete à superficie dágua, sim, mas penetrando-a como a luz penetra essa mesma água, — até a posse mais intima e mais profunda da nossa alma, do nosso coração, da nossa conciência. Somos os filhos de um "Continente Triste", um filósofo-viajante, assim o disse.

Não encontro, agora, argumentos para destruir esse conceito; entretanto, posso asseverar que a Tristeza que domina esse Continente e se

revela nas coisas e nos sêres, que lhe são caraterísticos, é Poesía que se faz Força, que dinamiza a nossa vida interior e a nossa vida material.

Nossa psicología reflete, de fato, esse estado d'alma brasileiro, mas, por nascer ela do coração da própria Natureza, ora é agressiva, ao modo de um cactus eriçado de espinhos do sertão nordestino, ora é rustica, ao modo de uma epifita das serranías meridionais, ora é dominadora, ao modo de uma castanheira das matas virgens da Amazônia, ora é dôce e fragrante, ao modo de certas flôres litorâneas.

Porque — mau grado as contradições dos geógrafos e sociólogos, com referência às relações regionais, de conjunto, do homem e do meio físico, — é absurdo deixar-se de reconhecer como a nossa alma está inteiramente ligada à Natureza que Deus nos ofertou, como o nosso destino material e o nosso destino espiritual e o nosso destino social dela dependem.

O Amor da Natureza ultrapassaria em nós o próprio Amor do Creador, si não a reconhecessemos feita à sua similhança, para nosso bem e para glória nossa.

Ora, Barbosa Rodrigues, filho da mais linda parte meridional desse "Continente Triste", de que nos fala Keyserling, no meio dos esplendores dessa Natureza, teria de ser, forçosamente, Poeta. E o foi pelas relações da sua psicologia, do seu carater e do seu destino com essa Natureza.

Já entraram em desacordo os seus biógrafos, com referência ao lugar do nascimento que lhe coube à personalidade ilustre.

Ha quem o diga vindo à luz, a 22 de junho de 1 842, em Minas, mas ha quem afirme ter isso acontecido no Rio de Janeiro. Uma das suas sobrinhas, a escritora Dilke de Barbosa Rodrigues Salgado, dí-lo nascido à rua do Lavradío — alí no coração da Cidade Maravilhosa — de d. Carlota da Silva Santos. Seu pai foi João Barbosa Rodrigues, de nacionalidade portuguesa.

Ele deveria ter nascido em São Gonçalo do Sapucaí (Na Campanha das Minas Gerais), mas os sucessos da sublevação mineira, chefiada por Teofilo Otoni, em Sorocaba e Barbacena, a 10 de junho, e a revolta paulista, com Diogo Antonio Feijó à frente, obrigaram-lhe os pais a fugir para a Côrte, nascendo na confusão, no ardor, no delírio de um ambiente de lutas e de ideais.

Não foi, porém, Marte o seu signo, teimo em dizê-lo: Barbosa Rodrigues nasceu sob o signo da Poesía.

Os que escreveram a história literária do País, desde Silvio Romero e Araripe Junior a José Verissimo e Ronald de Carvalho, não o incluiram mesmo entre os poetas medíocres do Segundo Reinado e primórdios da República.

Que importa? Nem sempre os olhos da crítica profissional escapam aos achaques que anulam ou deformam fatos e figuras.

O nosso maior naturalista nasceu, viveu e morreu como só os santos e os poetas nascem, vivem e morrem: por amor à Natureza, que é Divindade, tambem; por amor à Poesía, que é a própria Beleza.

UM ENTOMOLOGISTA MENINO

Ah! o mundo maravilhoso dos insetos sob o encantamento das pupilas de uma criança !

Contam de Forel que, desde a primeira idade, na sua solidão de filho único, se entretinha a estudar as formigas domésticas, as que se arrastavam em longas teórias pelo jardim paterno, ou as que, desgarradas das companheiras, ou em missão de reconhecimento, se lhe deparavam aos olhos. No balcão da própria morada, ou entre as gramas do jardim, a vista da criança se foi aguçando no admirar e no observar, — modos essenciais do compreender e do revelar.

Fabre teve igual iniciação, tambem. E Kellog e Comstock, igualmente. Isso, entretanto, nem sempre prenuncia um naturalista, cuja especialidade se venha a circunscrever, de futuro, aos domínios da entomologia.

Ha em qualquer criança, justo é reconhecer-se, uma possibilidade de adaptação a qualquer ramo das ciências naturais e seu domínio, afinal.

Nem todas, porém terão, em alto grau, o dom de observar e o desejo de compreender e a generosidade de revelar o que viram.

A toda e qualquer criança, entretanto, poderemos conduzir à admiração dos fenomenos da Natureza e à sua compreensão.

Barbosa Rodrigues, como Forel e Fabre e Kellog e Comstock, foi uma criança que povoou o seu mundo pueril com os seres maravilhosos do mundo dos insetos.

Essa foi, de fato, a primeira parte da sua iniciação nos mistérios e nas realidades da Natureza.

Esse foi, de fato, o impulso inicial, do seu des-

tino, para uma ligação com as ciências das coisas e do homem a que se abandonou.

Com aquela "conciência cósmica", a que acima me referí, Barbosa Rodrigues, observando o mundo dos insetos, pôde abranger a Natureza, a Vida, o Amor e a Morte, em todas as suas perspectivas, côres e volumes.

Vasconcelos, um notavel educador português, que fundou na Belgica, antes da outra guerra, a primeira "escola livre" daquele país, partia, com os seus alunos, de um quadrilátero do campo da granja, para a conquista do conhecimento universal.

Do mundo maravilhoso dos insetos partiu Barbosa Rodrigues para o conhecimento da flora e da fauna e do homem da Serra do Mar, dos pantanais de Mato-Grosso, da planície Amazônica.

E nada ha mais glorioso!

Como podemos observar num fragmento de cristal todas as gamas do espéctro solar, isto é da imagem de um gigante do espaço, assim, tambem, poderemos observar, numa falena ou num escaravelho, as imagens sucessivas e incomparaveis da Natureza.

Uma borboleta, na ronda amorosa, é como uma flor que, abandonando o galho em que desabrochou, se elevasse, num vôo incoerente, até as nuvens.

Um grilotalpa, oculto na sombra, num desvão de jardim, pode pôr no seu canto os tons mais delicados da sinfonía universal.

E uma aranha, tecendo entre ramos floridos o arabesco da sua teia, pode ser a representação desses vegetais que, na selva amazônica, erguem, entrelaçam, dobram traiçoeiros ou embaraçadores cipós deante dos nossos passos.

Barbosa Rodrigues teria de reconhecer, homem feito, nos campos, nas montanhas e nas selvas, os insetos amigos ou inimigos das plantas, aquela horda terrivel dos chamados "devoradores de florestas", irrompendo desse mundo maravilhoso dos insétos.

Inexplicaveis lhe ficariam, sem o conhecimento dessa gente, tão estranha e tão linda, as molestias de certas plantas e as núpcias, e a fecundação e a vida, enfim, de outras.

Que seriam os seus conhecimentos botânicos, de futuro, sem aquela intimidade com o mundo maravilhoso dos insetos?

UM
ENGENHEIRO
QUE SE FAZ BOTÂNICO

Nascido sob o signo da Poesía, espectador do mundo dos insetos, Barbosa Rodrigues não podia ser apenas um engenheiro, com as láureas de um curso de letras e as da antiga Escola Central de Engenharia, que deixou em 1869.

Goethe, que lhe contrapus, paradoxalmente, como rival, tanto em Poesía como em Botânica, a 6 de agosto de 1771, tomara grau em Direito, havendo estudado literatura, medicina e ciências naturais, o que lhe permitiu ruidosos sucessos no campo dos estudos botânicos, tais os das metamorfoses das plantas, e outros, mais ruidosos ainda, no campo dos estudos osteológicos, tal a descoberta do osso intermaxilar e tal a teoría vertebral do crânio.

Barbosa Rodrigues entrou para a vida pública com aqueles títulos, mas a sua vocação era a de um biologista, para quem a Botânica tinha fascinações de Musa Incomparavel.

Ele não deixaria nunca de ser geólogo e geografo; interessar-se-ia, contudo, mais pelo revestimento florístico de todos os recantos do País, por onde o levaram designações do Ministério da Agricultura, ordens dos dirigentes do Segundo Reinado, incumbências dos presidentes provinciais do Amazonas.

Entre estas duas datas de sua existência, 1869 e 1871, que faz Barbosa Rodrigues?

Aos vinte e sete anos de idade um brasileiro, com a sensibilidade de um autêntico enamorado da Natureza, forçosamente terá de versejar, de escrever um romance, de atirar-se ao jornalismo.

Barbosa Rodrigues publica versos, escreve um livro de prosas, (informa um dos seus biografos — H. Von Ihering), a que dá o título de "Veladas Noturnas".

Que fórma teriam esses versos? Que gênero, os caraterizaria? Seriam românticos, necessariamente, húmidos um pouco das lágrimas e dos beijos de alguma dama tambem tocada daquele "Mal-do-Seculo", a enfermidade mais lírica de então?

Ou seriam com os do naturalista Fritz Müller, — que Roquete Pinto retrata admiravelmente — com um sabor lafontaineano, celebrando os seres e as coisas de São Gonçalo do Sapucaí, nas Minas Gerais, da sua meninice?

O que posso afirmar, mesmo sem ter lido aqueles versos e sem ter lido aquelas páginas de prosa, é que havia neles a Poesía deste "Continente Triste"!

Aliás, quem se abandona à leitura de certas páginas de Barbosa Rodrigues, — abrangendo o assunto mais simples ou mais complexo — ha de sentir-se em frente de um dos raros homens de ciência do Brasil com tão admiravel capacidade de fixar paisagens físicas e paisagens humanas, não só à maneira dos geógrafos modernos, mas à maneira de um lídimo homem-de-letras.

Verificará, ao mesmo tempo, que, embora não tivesse gozado, como o entendia o sabio Orville A. Derby, "de uma instrução científica superior de universidade", os seus estudos de humanidades tinham sido admiravelmente realizados, conhecendo o latim, o grego, o alemão, o inglês, o italiano e o francês.

Ao tempo em que se formou Barbosa Rodrigues o conceito cultural dominante era o da necessidade das linguas clássicas. Não só aos médicos e bacharéis se exigia o conhecimento do grego e do latim, principalmente do latim.

Um engenheiro-civil ou geógrafo teria de ser íntimo de Homero e de Anacreonte, de Virgílio e de Lucrécio. Para essa exigência concorria, evidentemente, o fato de estarem escritos em latim ou refertos de locuções e citações gregas os compêndios de ciências naturais, dos autores clássicos, e os compêndios portugueses e nacionais, tambem refertos de locuções e citações em ambas as línguas.

Ora, essas disciplinas — que o esboroamento do ensino na primeira República arrancou aos programas e só agora, estou informado, voltam ao ambiente das escolas — concorriam para dar aos estudantes certas virtudes, de compreensão e de técnica, geralmente exigidas num escritor, bem como certa graça e certo vigor mesmo de estílo, denunciado até nas simples conversas de salão e nas discussões do Parlamento.

É claro que não estou aqui com o propósito de reclamar para Barbosa Rodrigues, como seria de justiça, mais esses louros de verdadeiro escritor.

Viso, tão somente, frisar a importância que o grego e o latim, ao tempo da formação mental do grande biologista, tinham para os educadores.

Essa importância está agora sendo reconhecida nos Estados Unidos, onde *tests* interessantissimos foram realizados entre alunos *latinos*, isto é, com o conhecimento do latim, e alunos que o não possuem.

Verificou-se ali que os alunos *latinos* revelavam mais capacidade de assimilação e de exposição, podendo-se distinguir a estrutura cultural de cada um deles como se distingue, por meio de análises químicas, a natureza deste ou daquele minério.

Como a vocação, extraordinária, que animava o cérebro e os sentidos do nosso naturalista, o levaria aos estudos da Botânica, em todos os seus ramos, dessas duas armas ou desses dois instrumentos se serviu Barbosa Rodrigues para conquista da glória científica que lhe foi merecidamente outorgada.

Na diagnose de um novo indivíduo vegetal ou na enumeração sistemática de uma família pouco conhecida, serve-se Barbosa Rodrigues do latim, como todos os naturalistas; verificamos, entretanto. que aquela diagnose e aquela enumeração não são feitas somente por um botânico, mas, tambem por uma personalidade cujo espírito científico estava ligado, por altissimo sentimento poético, à própria Natureza, sendo a sua cultura fundamentalmente grego-latina.

Os estudos de taxinomía, subscritos por Barbosa Rodrigues, denunciam a sua intimidade com a literatura clássica, o que lhe aformozeou e enriqueceu, indiscutivelmente, sua maneira de fixar certos aspectos agrestes dessa parte da Botânica.

Devemos considerar, como data precisa do inicio da sua ardorosa e infatigavel atividade, em relação aos estudos botânicos, a da sua nomeação, em 1871, para explorar o Vale do Amazonas, principalmente os rios Capim, Tapajós, Trombetas, Jamundá, Urubú, Uatumã e Jatapú.

Dava-lhe o Governo Imperial, para expansão do seu gênio, consideravel província fitogeográfica — a Amazônia — com uma Flora ainda não de todo identificada e descrita, máu grado os estudos de alguns dos maiores botânicos da Europa que a perlustraram.

Cronologicamente, a meu vêr, temos de considerar o *Enumeratio Palmarum Novarum*, etc., etc., como o primeiro resultado do contacto do gênio de Barbosa Rodrigues com a *Hyléa* de Humboldt; os seus cinco relatórios, porém, a respeito dos estudos realizados na Amazônia, nos rios acima citados, constituem resultados mais amplos, mais concretos, mais representativos da sua excepcional capacidade de investigador.

Apresentados ao então Ministro da Agricultura, Dr. José Fernandes da Costa, Barbosa Rodrigues modestamente os assina, ajuntando "em comissão pelo mesmo Ministro", sem pôr em evidência sequer o seu titulo de engenheiro.

Nesses relatórios, que foram esquematizados com superior descortino, pode-se admirar tanto os dados históricos, geológicos e geográficos, como observações e conclusões botânicas, zoológicas, econômicas, etnográficas, etnológicas e sociológicas.

No *Enumeratio Palmarum*, Barbosa Rodrigues se dirige aos especialistas em Botânica, falando a linguagem que lhes é familiar.

Nos seus relatórios, fala a todos nós a linguagem de um brasileiro a quem seduziam os múltiplos aspectos do passado, do presente e do futuro do Homem e da Terra amazônicos.

No decorrer deste trabalho terei, provavelmente, de referir-me ainda a esses relatórios, para que se complete o retrato de Barbosa Rodrigues e se lhe avalíe a ação e se lhe compreenda a obra, que, se é hoje razão de sua glória, tambem é razão do nosso orgulho.

O ENAMORADO
DAS PALMEIRAS

Os primeiros cronistas do Descobrimento do Rio das Amazonas, sumariando-lhes as riquezas naturais, são unanimes em celebrar as palmeiras, registando-lhes alguns a graça, a beleza, a originalidade do porte, outros o colorido e a opulência dos flabelos e dos cocáres, e outros mais a variedade e utilidade do seu lenho, da sua folhagem, das suas fibras, do seu palmito e dos seus frutos

Basta lermos, por exemplo, o Padre Cristobal de Acuña, referindo-se-lhes e às demais árvores das suas florestas.

Dizia ele, então: "Tem palmeiras de diversas qualidades, umas produzindo sazonados côcos e outras gostosas támaras que, embora sílvestres, são de ótimo sabor".

Nas terras altas, como nas várzeas, nos campos, como nos igapós, lá estavam elas — imponentes estas, humildes aquelas — as representantes amazônicas dessas preciosas monocotiledôneas, estranhamente batizadas pelo índio com os deliciosos nomes da sua língua, tão agreste como algumas dessas palmeiras e tão doce como a maioria dos seus frutos.

Delas se enamorou Barbosa Rodrigues, de tal modo que, nessa familia admiravel, justo foi ficassem as mais lindas e as mais úteis ligadas ao seu nome.

Todo o País está cheio delas, desde o Rio Grande, Paraná e Mato-Grosso até à aridez do Nordeste, e desde aí, acompanhando a faixa litorânea, até os limites do Pará e do Amazonas, com as três Guianas, Holandeza, Francesa, Inglesa ao Nor-

te, e a Bolivia e o Perú e a Colombia e Venezuela, ao fundo da Planície.

Pindórama era o nome do nosso País na lingua dos naturais, sendo-lhe absolutamente inaplicavel o de *Psitacorum regium* que, por ironia, talvez, nos deram alguns cartógrafos dos séculos XV e XVI.

Quem, transpondo, no sul, a Barra do Rio Grande, se vai com destino a Porto-Alegre, desde logo depara com palmeiras esguías e dominadoras, no bucolismo daquela paizagem de campos e gadaría.

E aquí, no extremo-norte, entrando o Amazonas, desde a sua foz, se estendem, na cenografía, em verde e amarelo, da mata marginal, as representantes dessa familia botânica, cuja realeza só encontra rival na das orquidáceas, bem lhes cabendo o cognome de principes ou princezas que outro botânico — tambem delas enamorado, como Barbosa Rodrigues — lhes deu, com exatidão indiscutivel.

Frederico Hoehne, botânico brasileiro, no elogío que lhes fez, traçou estas palavras de enamorado, tambem ele: "As palmeiras dão encantos às paizagens e nos deixam extasiados diante das suas belas fórmas. Assim são as maiores, as mais esbeltas e magestosas. Deixam, por ventura, impressão diversa as menores e as mais modestas?"

Ora, o gênio de Barbosa Rodrigues, depois do de Martius, teria de ser o maior dos seus enamorados, porque dele, conforme disse, ainda ha pouco, era o "dom lírico do canto", das aves, dos poetas e dos místicos.

Na *Enumeratio Palmarum*, sente-se que o botânico entrou a celebrar, na lingua de Virgilio e de Horacio, os encantos carateristicos dessas nobilissimas amantes, mas, evidentemente, bem preferiria ele escrever-lhes os versos mais ardentes e mais ternos, à feição dos poetas latinos que estudára na sua meninice e na sua adolescência.

Sabe-se que na "Flora Brasiliensis" de Martius foram descritas representantes de trinta e cinco gêneros diferentes da nossa flora indígena, escreve ainda Hoehne; esta cifra, porém, foi aumentada bastante com numerosas espêcies e generos descritos pelo botânico patricio Barbosa Rodrigues, no seu "Sertum Palmarum" em que enuméra quarenta e dois.

Referindo-se ao prosseguimento dos estudos das palmeiras brasileiras, por botânicos europeus e americanos, e diante das colheitas realizadas pelo botânico Ule, na Região Amazônica, o número de gêneros, ainda na opinião de Hoehne, não será menor que cincoenta.

Ha doze anos escrevia isso o Chefe da Secção de Botânica e Agronomia do Instituto Biológico de São Paulo.

Áquele tempo o total das plantas "que têm o nome de palmeiras excedía a mil e cem e o número de generos se elevava além de cento e cincoenta", esclarece Hoehne. E mais: "Só no Brasil, o Dr. Barbosa Rodrigues orçou o número das espécies em mais de quatrocentas", afirma ainda a autoridade científica do botânico que venho citando.

Pois bem, encontra-se, em verdade, na Amazônia o reino dessa aristocrática e maravilhosa familia!

E por esse reino andou a desenhar-lhes as fórmas, a fixar-lhes as carateristicas, a descrever-lhes os amores e as virtudes, o seu gênio enamorado — Barbosa Rodrigues!

Na relação dos trabalhos cientificos de Barbosa Rodrigues, salientam-se onze dedicados às palmeiras brasileiras da Amazônia, principalmente, e de Mato-Grosso e do Paraguai, até.

Roquette Pinto — num ensaio admiravel acerca de Fr. Leandro do Sacramento, primeiro Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro — referindo-se à *palmeira real*, trazida da longinqua Ilha de França pelo Chefe da Divisão Abreu, para a Côrte, no Rio de Janeiro, e alí plantada, em 1809, pelo Principe D. João, evidenciou, em breves linhas, um fato, de não pequena importância, na história dos estudos de Barbosa Rodrigues a respeito das palmeiras.

Foi ele quem identificou, cientificamente, aquela *palmeira real!*

A *palmeira real* ou a nossa *palmeira imperial* "não é, todavia, escreveu Roquette Pinto, a *palmeira imperial* dos botânicos (*Oreodoxa regia*). E', conforme mostrou Barbosa Rodrigues, a *Oreodoxa oleracea*, de Martius, ou *Areca oleracea* de Linneu. Aliás são espécies muito próximas. A *oleracea* é mais alta, delgada, regular; a *régia* é um tanto ventricosa ou levemente barriguda".

E o professor A. de J. Sampaio, tambem uma notabilidade, como Frederico Hoehne, no campo da Botânica brasileira, referindo-se a Barbosa Rodrigues, escreveu:

"João Barbosa Rodrigues, o botânico brasileiro de maior produção cientifica até a época atual

(e esta afirmativa foi feita ha 26 anos, cumpre-me esclarecer), Barbosa Rodrigues, quando Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, visitou o Estado de Mato-Grosso em 1897, produzindo a respeito de sua grande herborização e do material coligido, nesse Estado, dois importantes trabalhos editados no Rio de Janeiro em 1898: *Plantae Matto-Grossenses e Palmae Matto-Grossenses*, este último tendo merecido de Robert Pilger, notavel professor do Museu Botânico de Berlim, o alto conceito de "preciosa" contribuição para o conhecimento da Flora de Mato-Grosso.

Tenho grande prazer em transcrever textualmente o conceito de Pilger: *Das Werk uber Palmen ist ein Wertwoller Beitrag Kenntnisser Flora von Matto-Grosso* (vide pag. 129, do vol. XXX de *Engler Botanische Jahrbucher*).

Esse parecer é principalmente valioso pelo fato de ter Robert Pilger visitado o Estado de Mato-Grosso pouco tempo depois da herborização de Barbosa Rodrigues, verificando *in situ* o valor do referido trabalho".

Em *Les noces des palmiers*, que é uma explicação ousada, mas conciente, da fisiología das palmeiras, no instante da sublimaãço do seu "idílio amoroso", Barbosa Rodrigues regista a temperatura dos individuos vegetais, como um fisiologista registaría o ardor nupcial entre sêres humanos, no arrebatamento da paixão.

E' simplesmente magnifico esse trabalho de Barbosa Rodrigues, porque nos leva a compreender, quando não a admirar, certos fatos, rigorosamente científicos, desse momento fisiológico das nossas magestosas e das nossas humildes palmeiras.

Amam-se na terra os sêres orgânicos e reproduzem-se e eternizam-se em atitudes e movimentos, plásticos e ritmicos, todos eles.

Os fenômenos de excitabilidade tambem são comuns às plantas, podendo-se falar, em relação a elas, nas excitações químicas, térmicas, luminosas, elétricas, etc., como já nos enunciava um professor de Leipzig, ha trinta e sete anos, contrariando com a sua teoria do "declanchement", o sentido que lhe deu Ostwald em 1804.

Barbosa Rodrigues fala-nos na excitação calórica, dessas palmeiras, depois de lhes haver registado a curva, de um modo que dissipa tudo o que a nossa ignorância poderia tomar como mistério ou absurdo.

Mas para mim não são somente essas as suas maiores realizações no campo da morfologia, da fisiologia, da taxionomia, da ecologia botânica. *Sertum Palmarum Brasiliensium*, essa sim, essa é a mais grandiosa das suas obras publicadas; é a que o seu amor à Beleza, o seu sentimento da pura Poesía, o seu patriotismo sublime ofereceram ao País.

Ha nessa obra, além da fascinação de todas as fórmas e todos os coloridos que o seu talento artístico fixou em inumeras pranchas, as vozes da Natureza do Brasil.

Não vêmos, apenas, através dessa obra, na sucessão de paisagens, as palmeiras da nossa terra; ouvimos, tambem, o rumor da seiva que se eleva pelos seus troncos magestosos; sentimos-lhes o calor amoroso, saboreamos-lhes a doçura dos frutos e cerramos nossos olhos maravilhados à sombra florida que elas espalham.

O ENAMORADO DAS ORQUÍDEAS

Plantas carateristicamente tropicais as orquídeas, tambem, tiveram em Barbosa Rodrigues, como as palmeiras, um genial enamorado.

O estranho das fórmas e a beleza das suas côres exerceram sobre a alma do botânico e do artista, que ele era, igualmente, uma invencivel fascinação, tal qual já acontecera com Darwin.

Infelizmente não pôde o grande brasileiro editar, em obra das proporções do *Sertum Palmarum*, a que dedicou às orquídeas, mas conhecemos dele três, pelo menos, que demonstram a segurança dos seus estudos em relação às mesmas.

A que se intitula *Genera et Species Orchidearum Novarum* foi editada em 1881, mas, em "Vellosia", Barbosa Rodrigues dedicou a essas plantas um admiravel estudo.

A *Iconographie des Orchidées du Brésil*, que ele deixou inédita, e, possivelmente, já foi fragmentada e desfalcada das estampas por ele carinhosamente desenhadas, essa obra, como o *Sertum Palmarum*, constituiría imperecivel monumento para a ciência brasileira.

Conhece-se, em geral, a opinião de orquidógrafos da estatura de Reichenbach e Schlechter a respeito dos trabalhos de Barbosa Rodrigues sobre essas plantas.

Na *Flora Brasiliensis*, de Martius, das 1735 espécies descritas, 538 o foram por Barbosa Rodrigues que as encontrou em suas inumeras viagens, pela Amazônia e pelo sul do Brasil.

Schlechter, que descreveu o material importantissimo recolhido, no Brasil, sobretudo na Amazô-

nia, por G. Hübner, disse de Barbosa Rodrigues o seguinte:

> "Um trabalho de colaboração com tão eminente brasileiro teria servido bastante aos botânicos europeus. Ter-lhes-ia ampliado o discernimento e evitado bastantes erros".

No prefácio do *Genera et Species Orchidearum Novarum* Barbosa Rodrigues nos conta o incidente determinado por um convite que o Dr. Wawra Von Fernsee lhe fizera para escrever a monografia das orquídeas que apareceria na *Flora* de Martius por onde podemos verificar que a inveja, entre alguns dos colegas do grande brasileiro, não foi uma simples insinuação de Schlechter. Tambem interesses materiais e mesmo científicos não lhe corrompiam o carater plutarqueano.

Como as plantas que ele descreveu e desenhou, através do tempo, essas obras, aqui enumeradas, embelezarão o espirito dos estudiosos, dando-lhes a impressão de imperecivel mocidade que nos oferece a sua floração.

O EXPERIMENTADOR DO CURARE

Surpreende, quando se recorda a capacidade de investigar e de divulgar de Barbosa Rodrigues, — o interesse por ele dispensado aos estudos acerca do curare.

Podemos dar-lhe, pois, no nosso País, a prioridade de certas conclusões e de certas experiencias, tanto do ponto de vista químico como do ponto de vista botânico e fisiológico.

O Dr. Alfredo da Mata, na nova edição da sua *Flora Médica,* assim se refere ao curare:

"Veneno preparado por tribus de indios na região amazônica para "hervar" as flechas, e a que juntavam peçonhas de reptis, de insetos, de batráquios e substâncias vegetais aglutinantes, viscosas, para aderência máxima na ponta das mesmas".

E Barbosa Rodrigues, em *Eclogae plantarum novarum,* estudando os strychnos, escreve:

"De diferentes localidades procedem os preparados tóxicos pertencentes a diferentes tribus e se distinguem pela côr, consistência, forma do vazilhame em que são guardados, e pelos instrumentos em que são empregados.

Tenho apenas dúvida sobre dois, quanto à tribu, e não quanto à localidade. Comparei-os, por meio de reações químicas; passei a analisá-los, tribu por tribu, registrando, por meio de pintura, à aquarela, as côres das diversas reações, em um grande quadro, acompanhados de observações".

As experiências feitas por Barbosa Rodrigues e as conclusões que divulgou produziram celeuma nos meios científicos do sul do País. mas o eminente naturalista prosseguiu confiantemente

nos seus estudos, concorrendo, desse modo, para que outros investigadores se interessassem pelos fenômenos determinados pelo curare e outros realizassem no campo desses estudos extraordinárias conquistas.

As análises experimentais se multiplicaram e novas perspetivas se abriram, para além dos domínios da Botânica e da Fisiologia, ligando-se o nome de Barbosa Rodrigues ao de mestres como Claude Bernard e Martius.

Duas afirmativas de Barbosa Rodrigues a respeito do curare são de capital importância:

> "*O uirary* ou *curare é o extrato* de um *strychnos* e nada mais. Dos diferentes strychnos nasce a energía dos diferentes preparados, energia não só devida à espécie como ao local em que crescem; argiloso seco, argiloso húmido e silicoso húmido". Quanto ao antídoto do curare escreveu Barbosa Rodrigues:
>
> "Muito debatida foi a questão do antagonismo das substâncias, quando, em 1878, eu me apresentei provando praticamente em reuniões públicas, e em conferências, que o indivíduo curarizado, logo que fosse tratado pelo clorureto de sódio, escaparía à morte".

Afirmativas dessa natureza foram contestadas, algumas vezes, mas é fato que poucos investigadores, contemporaneos de Barbosa Rodrigues, opuzeram outras de maior valía.

Nestes últimos anos o curare foi brilhantemente posto em evidência pela Escola Vienense, com Ernest Spaelt à dianteira de outros pesquizadores.

O Professor Leopoldo de Lima e Silva, passando em revisão as mais recentes pesquisas sobre a química do curare, publicou um trabalho de evidente interesse.

Lendo-o, nós nos voltamos imediatamente para a figura de Barbosa Rodrigues, porque, si se refere ele aos trabalhos de Colle, Duke e Helder, ampliando os de Czubalsky sobre as "glandulas digestivas e a pressão sanguínea na intoxicação pelo curare", logo nos ocorre que Barbosa Rodrigues deve ter deixado inédito um trabalho acerca da ação dos *uiraris* sobre os glóbulos sanguíneos conforme anunciou.

O mesmo acontece quando Leopoldo de Lima e Silva se refere a trabalhos de Lewin, sobre o problema do antídoto do curare, em que esse pesquizador se baseia para negar a existência de um "*antídoto de um veneno no sentido popular do termo antídoto, pois do ponto de vista biológico ele não poderá existir*".

Será que a edição belga do "*UIRAERY OU CURARE*" de Barbosa Rodrigues chegou alguma vez a ser consultada por um pesquizador como Lewin?

As experiências de Barbosa Rodrigues, na Academia Imperial de Medicina, deante de Pedro II, e as outras a que se refere Caminhoá, seriam conhecidas por ele?

As experiências do Dr. Burman, na América do Norte, sobre paralisía espasmódica e que me foram referidas pelo Dr. Alfredo da Mata, nos levam, tambem, a recordar a figura de Barbosa Rodrigues, porque a este se revelaram notaveis as experiências, na Europa, de Leonville e Voisin,

principalmente em relação ao tétano, e, talvez, já antevisse ele, com o seu gênio, a possibilidade da aplicação do curare no tratamento da paralisía.

Os trabalhos do Professor Paulo Carneiro, que, ultimamente, isolou dois alcalóides — *strychnolethalina e curarelethalina,* — chamam, de igual modo, a nossa atenção para os estudos de Barbosa Rodrigues, pois são indissoluveis os laços de futuras pesquisas sobre alcaloides do curare com as que devemos a Barbosa Rodrigues e a outros investigadores à altura da sua organização mental.

O PROBLEMA DA BORRACHA
NO CONCEITO
DE UM NATURALISTA

Nessa parte Barbosa Rodrigues afirma que "em alguns logares os seringais são formados de uma só espécie, da flora local; porem em outros ha promiscuidade, e daí a mistura do leite, donde resulta que o produto depois de preparado, não é de uma só qualidade, o que acontece com o óleo de copaíba".

Em seguida desce a minúcias da fisiología das *Heveas*, sugerindo que o *mutá* seja proibído, pois compromete, como nenhum outro sistema, a vitalidade dessas árvores.

Traçando a área geográfica das *Heveas* e estudando o meio por elas habitado, entre outros fatos, salienta que "a seringueira cresce nos lugares quentes, húmidos, alagadiços, igapós, em terras de aluvião, mais ou menos argilosas, enriquecidas pelo *humus* das vazantes e nas vargens. Vivem em sociedades com outras árvores florestais, e raro isoladas, como é raro encontrar-se nas terras firmes. Neste caso o seu lenho tem um peso específico muito maior. A região da seringueira é subequatorial. Aí encontra o meio próprio para se desenvolver, se propagar, para abastecer-se da substância com que enriquece os que dela se locupletam, dando-lhe a morte".

Estende-se em considerações sobre as condições geo-físicas e geo-químicas do *habitat* da seringueira.

E, surpreendentemente, invade o campo econômico, depois de fixar as relações do solo com as seringueiras e certos aspectos da climatología amazônica, que só, posteriormente, foram fixados por Koegel em "*Das Urwaldphänomen Amazoníens*".

E' que o naturalista foi espectador de fatos econômicos e sociais, tambem, que se entrosam no problema da exploração dos nossos seringais.

Manifesta-se contra a exploração vandálica dos seringais, numa época que nos trouxe uma transitória riqueza e se caraterizou por esbanjamentos e crimes de toda ordem, embora devamos reconhecer que algumas vantagens materiais e mesmo culturais sempre nos tenham advindo do chamado ciclo do ouro negro.

Registando o abandono da lavoura e de pequenas industrias por parte dos homens que cortavam seringa, Barbosa Rodrigues aponta os fenômenos que se processaram consequentemente, determinando desastroso desequilíbrio na vida das cidades amazônicas e no ambiente dos seringais.

A valorização da borracha era responsavel por aqueles fenômenos materiais, econômicos e sociais, tambem.

Por vezes o naturalista fere fundo a nossa inconsequência, criticando o regimen de exploração das florestas na Amazônia, em prejuizo de uma espécie apenas, ameaçada, por isso, de desaparecer sob os golpes das machadinhas dos seringueiros, enquanto outras essências dessas florestas, outros seres que a habitam deveriam ser paralelamente explorados.

Afloram dessas páginas idéias que são da atualidade, como se vê, e estão sendo diariamente agitadas, aqui entre nós, por um estudioso dos problemas amazônicos, Cosme Ferreira, e nos Estados-Unidos, por um Cox. O trabalho de Cosme Ferreira, intitulado "*A Borracha, Problema Brasileiro*", foi vertido para o alemão pelo grande

economista J. Bessler, sendo a edição portuguesa feita em Manaus, por ordem do Interventor Alvaro Maia.

Como solução aconselhavel para a formação, em bases menos fictícias e menos criminosas, mais consentâneas com o imperativo da nossa existência, Barbosa Rodrigues sugere a formação de seringais, racionalmente plantadas as espécies que apresentam mais produção de latex, e a organização de campos de lavoura e de pastoreio, para que o dinheiro obtido com a venda da borracha não se escoe com a aquisição de utilidades de custo elevadissimo, conforme já o estamos sentindo nesta hora angustiosa.

Claro está que, com um novo regimen de exploração das nossas reservas florestais, — árvores e seres que lhes são peculiares — com orientação técnica e assistência aos que nelas trabalham, maiores seriam as nossas possibilidades de desafogo, senão de independência econômica.

Barbosa Rodrigues, através do conceito, expresso em sua obra, sobre *Heveas*, se revelou integrado com o problema principal da Amazônia.

Suas idéias, dentro desse conceito, são absolutamente atuais, repito.

No corpo deste trabalho estou pondo em evidência, desde a apreciação dos estudos de Barbosa Rodrigues sobre as palmeiras, as orquídeas e os strychnos, que essa individualidade científica, no seu tempo, estava apta a reconhecer, como um biologista moderno, que "a ciência tem, na civilização, duas funções principais: uma, fornecer ao homem um quadro do mundo dos fenômenos, que seja preciso e completo o maximo possivel; outra,

procurar os meios para controlar o ambiente que o circunda e o prôprio destino".

Ele não viu as palmeiras, as orquídeas, os strychnos com olhos apenas de naturalista ou de poeta: ele os viu como indivíduos vegetais que são necessarios à existência humana, impondo-se através de industrializações, de aplicação farmacológica, de distribuição estética, etc., etc.

O destino humano, tanto aquí, como noutras regiões, interdepende da utilização desses indivíduos vegetais.

Ora, as *Heveas* como as palmáceas, dentro das nossas florestas, são riquezas por aproveitar em favor do homem e do seu destino.

Toda a obra de Barbosa Rodrigues revela essa compreensão admiravel.

Daí, evidentemente, o ter ela chegado até nós na inteireza da sua estrutura, na densidade dos seus valores, no seu *conteúdo* científico e humano.

Um ensaista admiravel escreveu que os grandes livros "produzem sozinhos os seus efeitos e vão muito mais longe do que poderia ir o seu creador".

E isso se verifica, rigorosamente, em relação à obra do grande naturalista brasileiro.

INDIOS: ORIGENS — ARTE — PACIFICAÇÃO

Pode-se afirmar que Barbosa Rodrigues, se concorreu, de modo excepcional, para impôr sua especialidade — a Botânica — ao mundo científico, tambem o fez em favor dos estudos indígenas.

Durante as suas viagens pela Amazônia, Barbosa Rodrigues entrou em contacto com a indiada, nisso demonstrando destemor e talento, como os maiores etnológos e etnógrafos que visitaram a região.

Podemos asseverar que nessa especialidade — a indianologia — ele não foi inferior aos que mais a cultivaram.

Suas teorías, aquí ou alí, serão ousadas de mais; certos fatos que espôs poderão ser discutidos à luz de novos métodos psicológicos e antropológicos; suas atividades de Pacificador poderão ser apoucadas.

O que se não poderá negar é o haver posto, nesses estudos, um sentimento de solidariedade humana de nenhum modo limitado apenas às paginas dos seus livros.

Vêmo-lo, desde logo, procurando decifrar o enígma das origens do Homem Americano, como procurou decifrar a presença de certos fósseis do Vale do Purús.

Esse fenômeno das emigrações o empolgará como empolgou um grande grupo de estudiosos de assuntos americanistas.

Áquela força que se comparou a uma rápida corrente submarina, no dizer de Ragnar Numelin, movendo-se através da história da Humanidade, quis ele determinar as origens e a intensidade. E o fez brilhantemente.

Encontra em Alter do Chão, na vizinhança de Santarem, alguns *Muyrakitãs*, talhados no jade ou na pedra nefrite, e representando amuletos das Amazonas, cujos domínios localizara.

E diante desses amuletos monologa exaustivamente, internando-se pela História dos povos asiáticos, comparando-lhes as línguas com as das tribus que habitam o Vale Amazônico, para concluir em favor da teoría que defende a origem do Homem Americano, teoría que admiro, embora me bata pela hipótese moderna da origem multipla.

Povos migradores típicos haviam atravessado mares e montanhas e se instalado, nos primeiros dias de existência do Homem Americano, entre o estreito de Behring e a Patagônia. E reafirma a sua teoría: "O Vale do Amazonas, foi invadido por várias emigrações vindas do Norte, umas precolombianas e outras modernas, todas galhos de um tronco só, raças de uma só semente, oriundas de um só berço, que, segundo o meio, robusteceram-se ou degeneraram-se, enfraqueceram-se e decaíram.

Do seio da Ásia partiram os primeiros invasores da América, os que trouxeram as artes, a indústria e a lavoura, etc., etc".

O *Muyrakitã* o levára a essa conclusão.

Reportando-se às últimas lições dos geólogos, que lhe eram comtemporâneos, diante daquelas figuras zoomorfas de jade, indaga:

"Donde seriam esses amuletos que se distribuiram pela Europa e pela América, onde eram tão adorados e ainda hoje tão apreciados pelos índios? Sem contestação, até agora, saíram da Ásia os *Muyrakitãs*".

Visitando a necrópole de Miracanguera, Barbosa Rodrigues é o mesmo gênio indagador, insatisfeito e infatigavel, que se curvou diante dos *Muyrakitãs*.

Toma entre as mãos uma peça de cerâmica dos Aroakís e, enquanto nos mostra as particularidades que a filiam com as dos oleiros do Marajó, tambem nos vai falando na Grécia, ao tempo das Olimpíadas, onde se encontravam ânforas panatenaicas, alguns cântaros com altos pés, como a cerâmica de Mirakanguera!

Estive, ultimamente, entre o Urubú e a costa ainda hoje conhecida com o nome da necrópole dos Aroakís, e verifiquei, alem doutros fatos, a exatidão dos que se relacionam com a sua geografía e a sua tradição. Assim procedeu ele, em relação a outros rios, como o Tapajóz e o Jamundá. Barbosa Rodrigues nada esqueceu do que alí teve sob a vista e nada deformou, com inconsequência de diletanti, de que o acusavam alguns dos seus inimigos ou, talvez, alguns dos seus próprios amigos . . .

Indianólogo desse vulto, com estudos profundos do tupí, Barbosa Rodrigues projetou muito conhecimento sobre os fenômenos da nossa "bôa língua".

Recolhendo lendas ou comparando vocabulários, ele enriqueceu as nossas bibliotécas com documentos preciosos que o tempo não destruirá.

Caminhoá, criticando-lhe o *Hortus fluminensis*, já lhe apontara a capacidade para a conquista desses conhecimentos linguísticos, havendo dominado, o grego e o latim, como quem melhor os dominasse então.

Na *Poranduba Amazonense*, como no *Vocabulário indígena com a ortografia correta*, verificamos esses conhecimentos.

Muito lhe deve a ologênese cultural, no Brasil, porque são inumeros os seus depoimentos acerca dos utensílios, dos costumes — trabalho, guerra e morte — do canto, da dansa e da medicina indígena. Encontro em Barbosa Rodrigues certos pontos de contacto com Koch-Grünberg, o amigo dos Macuxis e dos Taulipangs do Rio Branco amazonense.

Ambos penetraram fundo a alma indígena, abrangendo, por igual, a mentalidade das crianças e a dos adultos. Certo modo de comover-se diante dessa alma é peculiar, tambem, a ambos. E ambos estavam certos de que, para entender o Índio, era necessario amá-lo, primeiro.

Na memória intitulada *Mbaé — Kaá Tapyiyetá Enoyndaua* ou *A Botânica e a nomenclatura indígena*, memória apresentada ao 3.º Congresso Latino Americano, Barbosa Rodrigues pergunta:- "Quereis conhecer o carater do Índio? Ide buscá-lo nas selvas, como o fiz; convivai com eles, mas não os julgueis por aqueles que vieram para o nosso meio doutrinados pelas cartilhas dos regatões e dos gananciosos, que fazim outrora descimentos".

Foi aí (nas selvas, entre índios) que estudei o "*Mbaé Kaá* ou a Botânica Indígena, declara o nosso naturalista. E salienta: "São tão exatas as suas observações, que se encontram gêneros e subgêneros em uma só família, como se fossem grupados por um verdadeiro botanista".

Com essa compreensão do indígena, da sua

organização social, da sua capacidade intelectual, ele teria de ser o Pacificador dos *Crichanás!*

Obras dessa natureza têm de ser confiadas a um cérebro, a um coração, a uma conciência, como a de Barbosa Rodrigues.

Não tenho dúvida em aceitar o fato dessa Pacificação, mas se a mesma não deu maiores frutos foi porque abandonaram inteiramente os trabalhos iniciados por Barbosa Rodrigues.

Ainda hoje, como ontem, contra obras dessa natureza se levantam empecilhos de toda ordem: políticos, religiosos, econômicos, morais e culturais.

Os *Crichanás* foram, de fato, pacificados; aconteceu com eles, provavelmente, o que aconteceu com os Chavantes de Mato-Grosso, nucleados pelo Governo Imperial, certa vez, mas que se viram na *contingência* de emigrar, por força das leis daquele fenômeno histórico que assinalei no início desta parte. Com Barbosa Rodrigues, a gente aprende a amar o Índio e a compreendê-lo. Ele sentia que a reconciliação da Amazônia com o Índio é um problema da atualidade, igual ao defendido, no Equador, por Antonio Garcia, pois não *é "uma tese de simples generosidade humana, senão a mais premente necessidade política, a mais extensa e vital"*.

O MUSEU BOTÂNICO DO AMAZONAS

Sou dos que acreditam que o maior ideal de Barbosa Rodrigues foi, com certeza, a organização e direção do Museu Botânico do Amazonas, criado no Governo Imperial e extinto nesse mesmo Governo.

Entre a data da sua fundação e a da sua extinção Barbosa Rodrigues se empenhou numa das maiores lutas que o seu gênio teve de defrontar na sua existência de cientista e de homem publico, longe das "ilhas de solidão", preconizadas por Carrel.

Luta idêntica teria ele de sustentar, no Rio, na direção do Jardim Botânico; mas nenhuma se caraterizou tanto pela baixeza dos que a promoveram.

Essa é, sem dúvida, uma página que nos entristece a lembrança. Campos Porto, colaborador e amigo de Barbosa Rodrigues, num estudo histórico desse Museu, que tão prematuramente se extingiu, contou as minúcias dos episódios que se desenrolaram na luta a que me estou referindo.

Absoluta incompreensão dos homens públicos — dos membros da Assembléia Legislativa, principalmente — havia deflagrado tão rumorosa luta.

Cabe aquí, porém, salientar que Barbosa Rodrigues era um lutador robustecido pelo seu contato com a Natureza amazônica, nos seus aspectos físicos e morais.

E' que o lutador, antes de tudo, se batia — como bem o disse A. G. de Sampaio, referindo-se-lhe, num estudo sobre a Flora de Mato-Grosso — "contra o errôneo e pouco lisonjeiro presuposto de que em nosso país não eram em seu tempo possiveis os trabalhos de classificação

das plantas, presuposto que se levantava diante do seu demonstrado patriotismo como uma resistente barreira que ele derribou a golpes de talento e de abnegação e de desinteressado esforço".

Defendendo a existência do Museu Botânico do Amazonas, Barbosa Rodrigues defendia a própria ciência brasileira, e, ao mesmo tempo, o destino histórico, econômico, político, geográfico e cultural da Amazônia.

Fundado pela Princeza Imperial do Brasil em 1882, o Museu Botânico do Amazonas às mãos de Barbosa Rodrigues, pouco a pouco, iria tomando as proporções de uma Instituição monumental, porque alí se formariam os especialistas de que ainda hoje está carecendo a Amazônia, no campo da biologia, propriamente dita, da botânica, da zoologia, da sociologia, da antropologia, da ologênese e da química.

A obra que se pretende realizar, agora, na Amazônia, com o Instituto Agronômico do Norte, alí teria os melhores alicerces.

Lucrariamos, por antecipação, os beneficios técnicos e econômicos que o mesmo nos promete.

Dalí sairía uma geração capaz de contrariar os conflitos entre a ciência e a natureza humana; dalí sairía uma geração apta a encorporar a Amazônia ao destino do próprio Brasil.

Políticos inescrupulosos e administradores incapazes não poderiam contrariar a marcha do progresso material, espiritual e cultural desta região.

Ainda recentemente eu apreciava com Edgard Alencar, um joven e brilhante nome da ciência botânica em nosso País, morto em plena atividade,

no coração da Amazônia, que é Manaus, eu apreciava com ele o aspecto desse problema que se assinala pela falta de técnicos, aqui formados, que podessem encarar as questões entrosadas na vitalidade da Amazônia e que dizem respeito ao plantio de novos seringais e ao beneficiamento, à industrialização, enfim, da borracha.

Se a maldade daqueles políticos e a indiferença dos poderes públicos não houvessem ferido de morte o Museu Botânico do Amazonas, sua existência hoje não se evidenciaria somente por publicações científicas, do porte do "Sertum Palmarum", da "Inconografía das orquídeas" e da "Vellosia", mas por inúmeras realizações de que está dependendo a grandeza real da Amazônia.

* * *

Sem jamais esquecer-se da Amazônia, dela havendo levado para o Jardim Botânico do Rio, com algumas plantas que lhe são próprias, o mesmo ardor, a mesma Fé nas ciências naturais e no destino de sua Pátria, a 6 de Março de 1909 faleceu Barbosa Rodrigues.

Raras homenagens lhe foram tributadas; seus funerais não foram custeados pelo Governo da República que servira, embora grato, é certo, às figuras do Segundo Reinado, dentre elas avultando a da Princeza Imperial, mas já de todo integrado na forma política que conquistaramos.

Áquela hora, — mercê da sensibilidade de discípulos e de amigos e do mistério que ainda envolve o fenômeno da morte, — a *presença*, graciosa e

consternada, de duas palmeiras, se elevaria, eu o creio, junto ao esquife de Barbosa Rodrigues. Essa *presença*, necessariamente, simbolizaria a Natureza e o Índio da Amazônia.

E, áquela hora, tambem, quem se curvasse sobre o cadaver glorioso de Barbosa Rodrigues, lhe *veria*, sim, lhe *veria*, às mãos, enregeladas e cianóticas, como última oferenda do seu gênio ao Índio e à Natureza que ele tanto amara, uma estranha, rara e maravilhosa orquídea das serranias do sul, seu berço e seu túmulo.

RELAÇÃO DOS TRABALHOS CIENTÍFICOS

do

Dr. João Barbosa Rodrigues segundo H. Ihering e A. J. Ferreira da Silva.

GEOGRAFIA E BOTANICA:

1) Enumeratio palmarum novarum quas valle fluminis Amazonium inventas et ad sertum palmarum collectas etc., Sebastianópolis, 1875;

2) Exploração e estudo do valle do Amazonas, Rio Capim, relatório etc., Rio de Janeiro 1875;

3) Idem, Rio Tapajós, relatório etc., Rio de Janeiro 1875;

4) Idem, Rio Trombetas, relatório etc., Rio de Janeiro 1875;

5) Exploração do Rio Jamundá, relatório etc., Rio de Janeiro 1875;

6) dos Rios Urubú e Jatapú, relatório etc., Rio de Janeiro 1875;

7) Genera et species orchidearum novarum etc., Sebastianópolis 1877;

8) Estudos sobre a irritabilidade de uma Drosera, Rio de Janeiro 1878;

9) Protesto appendice ao "Enumeratio palmarum", Rio de Janeiro, 1879;

10) Palmeiras do Amazonas, em "Ensaios de Sciencia", por diversos autores, Rio de Janeiro 1876-1880;

11) Attalea oleifera, palmeira nova descripta, etc., "REVISTA BRASILEIRA", Rio de Janeiro, 1881, vol. VII, pag. 123;

12) Flora da Serra do Lenheiro, "REVISTA de ENGENHARIA", 1881, supp. nº 12. pag. 196;

13) Resultado Botânico d' uma breve excursão a S. João d' El Rey (Minas Geraes), "REVISTA de ENGENHARIA" 1881;

14) Notas de Luccock sobre a Fauna do Brasil, Rio de Janeiro, 1882;

15) Les Palmiers, observation sur la monographie de cette famille dans la "FLORA BRASILIENSIS", Rio de Janeiro, 1882;

16) Genera et Species orchidearum novarum quas collegit etc., Sebastianópolis, 1882;

17) Tetrastylus, gen. n. ob. novo genero das Passifloraceas, "REVISTA de ENGENHARIA", nº 21, 1882;

18) Orchidae Rodeinses et alterae ineditae, etc., "REVISTA de ENGENHARIA", tom. II n.º 7 e 9, 1883;

19) Structure des Orchidées, notes d' un étude, Rio de Janeiro, 1883;

20) O TAMAQUARÉ, Manaus, 1887;

21) Eclogae plantarum novarum, "VELLOSIA", Rio de Janeiro. Vol. I (1879), segunda edição 1891, p. 1-88; com estampas I-XIII, vol. II, primeira serie, e I-XXIII, segunda serie;

22) Palmae Amazonensis novae, "VELLOSIA", 1. c, p. 91-112; com estampas I-II vol. II;

23) Genera et species orchidearum novarum, "VELLOSIA", 1 c. p. 115-133;

24) As Heveas ou seringueiras, Rio de Janeiro, 1900;

25) Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, fasc. I-VI, 1891-1898;

26) Hortus Fluminensis ou breve noticia sobre as plantas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1894;

27) Palmae Mattogrossenses novae vel minus cognitae, Rio de Janeiro, 1898;

28) Palmae Mattogrossenses ou relações de plantas novas, Rio de Janeiro, 1898;

29) Palmae novae Paraguyaenses, Rio de Janeiro, 1899;
30) Palmae Hasslerianae novae, Rio de Janeiro 1900;
31) Contributions du Jardin Botanique du Rio de Janeiro, vol. I, 1900; vol. II-1901; vol. III-1902;
32) Myrtacées du Paraguay, etc., Bruxelles, 1903;
33) Les Noces des Palmiers, Bruxelles, 1903;
34) Mbaé Kaá ou Botanica Indigena

ARQUEOLOGIA, ETNOGRAFIA e ZOOLOGIA

35) Idolo Amazônico achado no Rio Amazonas, Rio de Janeiro, 1875;
36) Antiguidades do Amazonas, em "Ensaio de Sciencia", Rio de Janeiro, 1876-1878;
37) O Muirakitã, precioso coevo do homem anti-colombiano, Rio de Janerio, 1882;
38) O Canto e a Dansa selvicola, na "REVISTA BRASILEIRA", tomo IX, Rio de Janeiro, 1881, p. 32-60;
39) Lendas, Crenças e Superstições, na "REVISTA BRASILEIRA", tomo X, 1881, p. 24-27;
40) Catalogo dos objectos expostos na Exposição Antropologica, Rio de Janeiro, 1882;
41) O Rio Jaupery, Pacificação dos Crichanás, Rio de Janeiro, 1885;
42) A Lingua Geral do Amazonas e o Guarany, "Rev. Inst. Hist. e Geogr". Rio de Janeiro, vol. LI, suppl. 1888, p. 73-109;
43) O Muirakitã, estudo da origem asiatica da civilisação do Amazonas etc. Manaus, 1889;
44) O Muirakitã e os Idolos Symbolicos, Rio de Janeiro, 2 vols., 1889;
45) Revista da Exposição Anthropologica do Brasil, Rio de Janeiro 1882, contendo os seguintes artigos: a Emancipação dos Maués, .. 10; a Tribu dos Mundurucús. p. 27, 39, 45; a Tribu dos

Tembés, p. 20, 32, 55; Tribus dos Aroaquis e Pariquis. p. 36, 61; Tribu dos Uasahys, p. 47; Tribu dos Ticunas, p. 52; Indios Conibós, p. 64; Extracto de um livro inédito, p. 70, 150; Tribu dos Cauixanas, p. 72; India Arara, p. 76; Fabrico de uma montaria, p. 88; Tribu dos Uaupês, p. 96; os Miranhas, p. 124;

46) PORANDUBA AMAZONENSE, Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. XIV, 1890, fasc. 2, paginas 1-334;

47) Antiguidades do Amazonas, "VELLOSIA", II, 1892; (segunda edição) p. 1-40, com estampas, VIII, I-XVI, e I do vol. II;

48) Les Reptiles fossiles de la Vallée de l' Amazone, "VELLOSIA", II-1892, (segunda edição) p. 41-60;

49) Vocabulario Indigena comparado para mostrar a adulteração das linguas, Ann. Bib. Nac. vol. XV, 1892 p. 1-83;

50) Historico do Museu Botanico do Amazonas, "VELLOSIA" II, 1892 (segunda edição) p. 61-124, com estampas I do vol. II;

51) Vocabulario Indigena com orthographia correcta I c. 1894 p. 1-64;

52) L' Uiraery ou Curare, Bruxelles, 1903;

53) Diminuição das Aguas no Brasil, Relatorio Geral da III Reunião do Congresso Scientifico Latino Americano, Rio de Janeiro, 1909, tom. III, Liv. A. p. 153-315;

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO
(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM